



ESTRANHAMENTO E RECONEXÃO

Jorge Ubiratan de Almeida

Aquilo que é diferente, me causa estranhamento. Aquele que se comporta de modo "exótico" aos meus olhos, comendo o que jamais comeria, amando de forma reprovável, de acordo com minhas convicções religiosas e fundadas na tradição de minha sociedade, provocam medo, talvez repugnância, ou em outros casos, admiração.

Em Samoa, ilha do oceano pacífico, os homens não necessariamente serão homens por toda a vida. Talvez, e possivelmente, se você ali nascesse faria o mesmo percurso de vários dos habitantes daquele lugar desconhecido para a maioria de nós. Em certas circunstâncias, a família com várias crianças do sexo masculino pode optar por resignificar o comportamento, as vestes, os hábitos e reprogramar a própria personalidade daquele ser, transformando-o e criando-o como uma menina. É isso mesmo, como uma criança do sexo feminino. Imagino que a sensação que causa aomais moderno sujeito do mundo contemporâneo, ao imaginar tal possibilidade, é a de um incômodo e incisivo estranhamento. Eis uma palavra que deverá nos acompanhar por esta experiência escrita e, se fizer o efeito que imagino, por toda a vida.

Em Mali, país africano de população tipicamente pobre e com significativa parcela ainda vivendo em condições tribais, outra surpreendente situação. As crianças que nascem com

aquilo que, em nossa sociedade, costumamos chamar de Síndrome de Down, uma patologia bastante reconhecível para nós, não são assim diagnosticadas. Explicando melhor. Em Mali, essa patologia não é reconhecida como tal; ela não faz parte do código de distúrbios ou doenças possíveis em um indivíduo, ou seja, culturalmente é como se a doença não existisse. Isso significa dizer que as limitações ligadas à aprendizagem, as características faciais que para nós parecem tão evidentes, para eles são simplesmente desprezadas, de modo que as crianças que passam por essa experiência de vida não encontram as benesses do avançado tratamento ocidental. No entanto, ironicamente, não sofrem de preconceito ou distinção social de qualquer modo. Assim, para aquela cultura, as crianças são completamente normais. Quantos pais gostariam que seus filhos que nasceram com esse destino, em nossa sociedade, fossem tratados como se faz em Mali? Acredito que todo e qualquer pai ou mãe.

Na Índia e no Nepal, os Sadhus são figuras comuns no cotidiano daquelas sociedades. Indivíduos que abdicaram da vida material e passaram a se dedicar ao aperfeiçoamento do espírito. Em suas práticas de meditação, yoga, e controle da mente, a disposição e a dedicação à busca da plena superioridade dos fatores mentais e espirituais sobre a matéria chocam qualquer pessoa do mundo ocidental.

Aquilo que é diferente, me causa estranhamento. Aquele que se comporta de modo “exótico” aos meus olhos, comendo o que jamais comeria, amando de forma reprovável de acordo com minhas convicções religiosas e fundadas na tradição de minha sociedade, provocam medo, talvez repugnância, ou em outros casos, admiração. Uma admiração que provavelmente seja inconfessável. Ali onde repousam práticas e formas de pensar, sentir, fazer e se comportar, nas sociedades mais distantes das nossas, talvez estejam novas questões para os dilemas para os quais jamais encontramos sentido em nossa experiência social e cultural.

Despir-se do etnocentrismo e estar atento aos diversos estereótipos que nos enganam, que nos conduzem a julgamentos precipitados, agressivos e não raro, injustos, implica em um caminho sem volta. O necessário caminho da percepção de que não somos como sociedade, o umbigo do planeta; existem outros; não somos melhores, não somos piores, somos essencialmente, diferentes. Temos muito a dar, mas também temos muito mais a aprender.

Mas essa é uma abordagem que, fatalmente, poderia ser acusada de meramente comparativa, ainda que seja tácito o fator globalizante da contemporaneidade. Nunca estivemos tão perto das formas diferentes de existir distintas das nossas, nunca fomos, em certo sentido, tão conectados ao outro. Entretanto, ainda assim, estamos falando dos outros.

Assim, voltarmos a imagem para nós mesmos, nos colocarmos frente ao espelho, talvez nos surpreenda mais do que imaginamos. A nossa própria sociedade sempre nos trouxe exemplos de fatos sinistros, abomináveis, belos ou inquietantes, de modo que, em jogo, sempre esteve

a questão do tempo, ou seja, a dinâmica das transformações dos nossos paradigmas. Aquilo que já foi visto, no passado, como nefasto, antiético, imoral, doentio, hoje pode ser entendido como aceitável socialmente, ou o inverso.

A loucura, por exemplo, ou a compreensão do que chamamos de loucura (ou de louco) revela muito mais de nós mesmos do que daqueles que, supostamente, padecem desse traço. A história da loucura é a história da fundamentação da sociedade ocidental, no que diz respeito à exclusão daqueles que, de uma forma ou de outra, nos incomodam. Foram, a princípio, os leprosos; depois, os contaminados por doenças sexualmente transmissíveis, até que fosse decidido que existiam indivíduos que não deveriam compartilhar do espaço daqueles ditos normais, por todos os constrangimentos criados no ambiente social, pela vergonha, pelas palavras, pela pouca preocupação com a higiene, com a moral e os bons costumes, os loucos. Seria, assim, mais cômodo excluí-los, aprisioná-los, retirá-los da visão dos cidadãos, das famílias, da convivência social.

O Brasil nos traz um exemplo nesse sentido, no mínimo surpreendente, desumano e assustador. No município de Barbacena, em Minas Gerais, durante décadas, foram aprisionados em um sanatório denominado nome de a Colônia, no qual, milhares de homens, mulheres e algumas crianças foram depositados, como almas sem nome, em suas terríveis dependências. Choques elétricos, tratamento agressivo, torturas, assassinatos foram elementos cotidianos naquele tenebroso espaço de reclusão.

No total estima-se que algo em torno de 60 mil pessoas morreram sob as mais diversas circunstâncias, naquele lugar, para que, posteriormente, seus corpos fossem comercializados, vendidos para universidades do país. Um verdadeiro massacre. Vários dos internos chegavam de várias partes do país em um trem, famoso na região, por ser o condutor dessas pessoas, que perderam seus nomes, suas identidades, a existência no cenário da vida. Mas, quem eram os internos? Por que ali esta-





vam? Eis aqui mais um motivo para o estranhamento, para o constrangimento: Eram prostitutas, filhas de coronéis as quais, cedo, perderam a virgindade; eram os militantes políticos perseguidos pela ditadura militar brasileira; epiléticos, pessoas com pequenos distúrbios de comportamento; vândalos, alcoolistas, mendigos; pessoas que perderam documentos, dentre outros.

A história da Colônia nos faz refletir sobre o que chamamos de sanidade e normalidade. Ninguém, de perto, é normal. E talvez, nenhuma sociedade seja. Sempre há algo de extraordinário, de encantador, de repugnante, sem que nos demos conta disso. No mundo contemporâneo, corremos o maior dos riscos a que uma sociedade pode estar sujeita: a percepção de fatos estranhos e reprováveis como normais. Quando passamos a entender o medo urbano, a violência, a fragilidade dos laços humanos, a falta de solidariedade, a diluição da comunicação familiar, o fascínio pela tecnologia transformado em compulsão e vício, como coisas normais, estamos admitindo o caminho de um futuro fundado no egocentrismo, no individualismo e na soberania dos bens materiais e do consumismo como elementos glorificados. Acreditamos, ingenuamente, nos Shoppings como Templos da segurança e do consumo e nos Condomínios como a grande Ilusão da recuperação da segurança e da vida comunitária. Não seria isso tudo in-

sano? Não seria estranho?

Os casais podem passar horas em um restaurante interagindo com seus smartphones sem que se percebam, se toquem, se encantem com seus olhares. As famílias podem estar reclusas em espaços individuais no próprio lar, tendo como companhia seus computadores, tablets, celulares, restando pouco ou nenhum espaço para o diálogo. Bauman, famoso sociólogo polonês costuma afirmar que, quando se é traído pela qualidade, tende-se a buscar a desforra na quantidade. Se “os compromissos são irrelevantes” quando as relações deixam de ser honestas e parece improvável que se sustentem, as pessoas se inclinam a substituir as parcerias pelas redes; no entanto, a facilidade do desengajamento e do rompimento (a qualquer hora) não reduzem os riscos, apenas os distribuem, de modo diferente, junto com as ansiedades que provocam. E assim, segue a vida, assim, como já é comum percebermos, sempre de forma assustadora; ela parece correr mais rápida, em uma velocidade que de alguma forma, nos angustia. Inexoravelmente, a vida se vai.

Quanto tempo dura uma vida? O que diríamos a nós mesmos no momento final? O que não fizemos e deveríamos ter feito? O que deveríamos ter dito? Acredito que boa parte dessas perguntas tem como respostas coisas relacionadas a pessoas que amamos, a momentos que deveríamos

ter prolongado, ao perdão por coisas menores, à dedicação do nosso tempo menos ao dinheiro e ao consumo e mais ao amor, a nossa realização como seres humanos, a reconexão com a nossa espiritualidade e com a solidariedade sem expectativa de retorno.

É preciso estranhar; é fundamental ensinar o estranhamento às novas gerações e, assim, resignificar a experiência com o outro, clicar no botão de reiniciar. Assim como estranhemos as outras culturas em seus comportamentos e as chamamos de exóticas, assim como classificamos os outros como estranhos, deveríamos ter, como regra, o exercício diário da observação crítica de nossas condutas, vistas como mais ordinárias e banais, para que possamos nos assustar com nós mesmos e nos questionarmos sobre nossas atuais escolhas na experiência da vida em sociedade.

Provavelmente, em jogo está o futuro de nossa sociabilidade, da nossa educação e dos nossos destinos. Não me refiro a um saudosismo, a uma recuperação das tradições; não é um anacronismo descabido, mas, sim, uma arqueologia do nosso passado, mas, antes de tudo, uma preocupação com o futuro e um compromisso com o único momento em que podemos fazer, de fato, algo no presente, no agora.



Jorge Ubiratan de Almeida

Mestre em Cultura e Sociedade (Faculdade de Comunicação da UFBA), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FACIBA), Graduado em História (Unep), Professor de História do Colégio Técnico da Fundação José Carvalho, Professor de Antropologia, Sociologia e Metodologia da Faculdade Santíssimo Sacramento